

A CIRCULAÇÃO DOS *DIVO CLÁUDIO* NA PENÍNSULA IBÉRICA: NOTAS SOBRE UM TESOURO DO CONCELHO DE AMARANTE

Rui M. S. Centeno

A bibliografia arqueológica referente a achados e estações da época romana no concelho de Amarante resume-se praticamente a pequenos estudos sobre duas necrópoles calaico-romanas descobertas no início do século O e duas aras dedicadas a Júpiter ⁽²⁾ e, ainda, a uma notícia de um tesouro monetário encontrado em Balinho, freguesia de Bustelo, no ano de 1955 ⁽³⁾.

Sobre o conjunto monetário que agora se publica, as informações que recolhemos são extremamente lacunares: as moedas apareceram num muro, dentro de um recipiente de barro que foi partido e do qual não resta algum fragmento; a data e o local exacto do achado são desconhecidos mas sabemos que as moedas estão em posse do actual proprietário desde 1940/1950 e que apareceram em Vila Caiz, freguesia localizada a sudoeste de Amarante, a curta distância do rio Tâmega, na zona limítrofe do concelho de Amarante com o de Marco de Canaveses (Est. I) ⁽⁴⁾. Segundo a tradição local, na aldeia de Vila Caiz teria existido um castro mas os únicos vestígios arqueológicos conhecidos na freguesia, limitam-se à necrópole de Vilarinho ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ JOSÉ FORTES, Necrópole lusitano-romana da Lomba (Amarante), *Portugalia*, II, 1905-1908, p. 252-262 e Casa e necrópole lusitano-romana de Vilarinho (Amarante), *idem*, p. 477-478. De referir também o inventário inacabado de J. PINHO, Castros do concelho de Amarante, *Portugalia*, II, 1905-1908, p. 476 e 673-676.

⁽²⁾ *CIL* II 6287 = *ILER* 85 (este monumento, aparecido na Quinta de Pascoais, encontra-se no Museu da Sociedade Martins Sarmiento, cfr. MÁRIO CARDOZO, *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmiento. Secção de epigrafia latina e de escultura antiga*, 2.^a ed., Guimarães, 1972, p. 50, n.º 28) e DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO, Ara dedicada a Júpiter de Carvalho de Rei — Amarante. Na Biblioteca-Museu Municipal de Amarante, *Douro Litoral*, 9 (4), 1959, p. 909-913.

⁽³⁾ Tesouro presumivelmente do século IV, M. DE CASTRO HIPÓLITO, DOS tesouros de moedas romanas em Portugal, *Conimbriga*, II-III, 1960-61, p. 46, n.º 53.

⁽⁴⁾ Coordenadas geodésicas de Vila Caiz (segundo a *Carta Militar de Portugal*, esc. 1/25.000, folha 112): 41° 12' 8" Lat. N
0° 59' 16" Long. E. Lx.

⁽⁵⁾ J. FORTES, Casa e necrópole..., *op. cit.* Na p. 477, Fortes refere também a descoberta de uma «habitação» a curta distância do cemitério.

A leitura do quadro I sugere-nos algumas observações também visí-

O tesouro de Vila Caiz é constituído por 54 exemplares (^o) assim distribuídos:

QUADRO I

	Treveri	Roma	Cyzicus	At. indetermin.	Total
Gallienus/Salonina		23	1	1	25
Claudius II		19		1	20
Divo Claudio } altar		3			4
} águia		1			
Quintillus		1			1
Aurelianus (post ref.)		2			2
Imperadores Gauleses:					
Victorinus	1				1
Tetricus I	1				1
	2	49	1	2	54

veis noutros tesouros peninsulares de cronologia idêntica: a grande maioria das moedas são posteriores a 266 (⁷), altura em que a tendência inflacionista, já anteriormente manifesta, evolui de modo decisivo (⁸), registando-se apenas 2 exemplares datados de 263 e 264 (⁹); a ausência de peças anteriores a 260 nomeadamente do reinado conjunto de Valerianus I / Gallienus (¹⁰); a quantidade pouco relevante de numismas dos imperadores gauleses (¹¹); finalmente, verifica-se que o atelier de Roma continua a ser o principal abastecedor de moeda, representando 90.74 % do total (¹²).

As moedas póstumas de Claudius II constituem 7.40 % do total do achado (¹³). Estas peças com um peso médio de 2.07 g e um diâmetro (mínimo/máximo) médio de 17/18.2 mm (¹⁴) devem ser originárias de

(⁶) O proprietário do tesouro possui mais duas moedas, cuja procedência igno-ramos, que pelo seu aspecto denotam uma condição de jazida diferente das peças do tesouro: 1 ex. de Maximianus (Lugdunum, 290, RIC 399), 1 ex. de Constantinus I (Lugdunum, 313-14, RIC 3).

(⁷) Ou 265-266, segundo J.-P. CALLU, *La politique monétaire des empereurs romains de 238 à 311* (BEFAR 214), Paris, 1969, p. 215.

Ordenando os ex. de Gallienus/Salonina da 4.^a emissão (266) segundo o esquema de R. GOEBL, *Der Aufbau der römischen Münzprägung in der Kaiserzeit: V/2, Gallienus als Alleinherrscher*, *Numismatische Zeitschrift*, LXXXV, 1953, p. 5-35, os resultados são: 15.^a emissão de Goebel (p. 15-16), 2.^a metade de 265: 11 ex. (Catálogo n.ºs 3, 4, 6, 9-15, 24).

16.^a emissão de Goebel (p. 16), início 266-meados 267: 4 ex. (Catálogo n.ºs 5, 7, 8, 16).

(⁸) J.-P. CALLU, *La politique...*, *op. cit.*, p. 215 e 276.

(⁹) Catálogo n.ºs 1 e 2.

(¹⁰) O numerário anterior a 260, de melhor qualidade, terá ido parar ao cadinho. Cfr. J.-P. CALLU, *La politique...*, *op. cit.*, p. 276.

Os *antoniniani* anteriores a 260 aparecem na Península em percentagens pouco significativas nomeadamente nos tesouros posteriores a 270. Cfr. I. PEREIRA, J.-P. BOST, J. HIERNARD, *Fouilles de Conimbriga, III. Les monnaies*, Paris, 1974, p. 234-235, quadro.

(¹¹) Para a *Hispania*, I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 238-239, quadro.

(¹²) Não considerando as duas peças de atelier indeterminado (Catálogo n.ºs 23 e 45) a percentagem sobe para 94.23 %.

Achados com cronologia semelhante ou um pouco mais recuada apresentam cifras muito próximas, v. g., Fragas de Piago, 78.63 % (a partir do quadro de HIPÓLITO, *op. cit.*, p. 105); Borba, 84.70% (*idem*, p. 107); Aldeias das Dez, 87.40% (*idem*, p. 108); Conimbriga B e D, 89.28 % e 89.65 % respectivamente, incluindo os ex. *Divo Cláudio* (I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 324 e 327).

Esta situação começa a alterar-se a partir da reforma de Aurelianus em 274, acentuando-se com Probus (cfr. I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 244, quadro e M. FILOMENA S. DA ROCHA, *Alguns antoniniani e aurelianiani de um tesouro da região de Coimbra, Nummus*, 2.º série, II, 1979, p. 74, quadro).

(¹³) Catálogo n.ºs 46-49.

(¹⁴) Para Gallienus/Salonina (21 ex.), 2.39 g. e 18.4/19.9 mm e Claudius II (19 ex.), 2.45 g. e 18/19.8 mm.

Roma O⁵)- O início da emissão dos *Divo Cláudio* verifica-se em 270, não durante o efémero reinado de Quintillus (¹⁶), mas já sob Aurelianus (¹⁷). Recorrendo à documentação peninsular já publicada, tentaremos abordar dois problemas levantados por estas moedas póstumias (¹⁸): 1 — em que altura terão chegado à *Hispania*; 2 — qual o seu papel na circulação monetária até aos finais do século III.

QUADRO II (19)

	ex. mais recente	Gall./Sal.	Claud. II	<i>Divo CL</i>	Quint.	Aur./Sev.	n.º de ex. do tesouro
Liédena	270	62.33 %	16.88 %		5.19%		77 (20)
Conimbriga D	270	68.96 %	27.58 %	3.45%			29
Réus	270	67.88 %	24.77 %	7.33%		-	109
Son Hereu	270	58.82 %	39.21 %	1.96%		-	102
Conimbriga B	270	48.21 %	37.50 %	10.71 %	1.78%	-	56
Borba	273	54.85 %	37.31 %	1.49%	2.98%	0.74%	268
Vila Caiz	274-5	46.29 %	37.03 %	7.40%	1.85%	3.70%	54
Reguengo	274-5	54.53 %	32.53 %	6.80%	2.53%	0.13%	750
Fragas de Piago	275-6	60.04 %	29.09 %	3.68%	1.98%	0.76%	2873
Peai de Becerro	277	56.79 %	35.15 %	1.36%	2.42%	1.44%	1317
Clunia	282-5	2.94%	—	—	—	2.94%	34
Coimbra	292	12.65 %	7,59 %	1.26%	2.53%	7.59%	79
Sevilha	286-94	6.80%	8.91		0.72%	14.61 %	691

(¹⁵) As peças do tesouro de Thamusida III têm um peso e diâmetro idênticos (J.-P. CALLU, *Remarques sur le trésor de Thamusida III: les Divo Cláudio en Affique du Nord* — Note additionnelle de Pierre Salama, *Mélanges de VÉcole Française de Rome, Antiquité* 86, 1, 1974, p. 531.

A diminuição do peso dos *Divo Cláudio* deve estar ligada às práticas fraudulentas dos moedeiros de Roma que provocaram o encerramento do atelier, em 270, por Aurelianus (J.-P. CALLU, *La politique...*, *op. cit.*, p. 231 e nota 6).

(¹⁶) Em I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 241, admite-se o início da emissão sob reinado de Quintillus.

(¹⁷) J.-P. CALLU, *La politique...*, *op. cit.*, p. 231 e nota 3.

(¹⁸) Sobre as imitações dos *Divo Cláudio* veja-se: J.-P. CALLU, *La politique...*, *op. cit.*, p. 302-309 e J.-B. GIARD, *La monnaie locale en Gaule à la fin du III^e siècle*, *reflect de la vie économique, Journal des Savants*, 1969, p. 5-34; para a Península apenas se pode consultar o estudo referente ao material de Conimbriga (I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 239-242).

(¹⁹) Reúne-se neste quadro somente os tesouros com moedas posteriores a Claudius II e com documentação que permitisse um tratamento percentual (uma relação dos tesouros do século III in I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 232-233).

Por outro lado, não nos pareceu necessária a inclusão do material dos usurpadores gauleses e orientais, as numismas *post* Aurelianus no caso dos tesouros mais recentes e ainda os ex. anteriores a 260, à excepção dos tesouros de Liédena e de Sevilha, uma vez que as notícias referentes a cada um não possibilitam a diferenciação do material de Gallienus do reinado conjunto e do exclusivo.

Bibliografia utilizada para cada tesouro:

Portugal — Conimbriga D e B, I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 326-327 e 323-324; Borba, M. DE C. HIPÓLITO, *op. cit.*, p. 106-107 e 157-165; Fragas do Piago (Montalegre), *idem*, p. 103-105 e 127-139; Coimbra, M. FILOMENA S. DA ROCHA, *op. cit.*, p. 73-86; Reguengo (Afonso, Vila Pouca de Aguiar), JOÃO PARENTE, *Moedas romanas. Tesouro do Reguengo, concelho de Vila Pouca de Aguiar, Revista de Guimarães*, XCI, 1981 (no prelo). A moeda mais recente deste tesouro é de Aurelianus, *post* reforma, de Mediolanum; os ex. mais antigos são de Valerianus I.

Espanha — Liédena (Navarra), A. BALIL, *Las invasiones germánicas en Hispania durante la segunda mitad del siglo III de J. C. Cuadernos de Trabajos de la Escuela Española de Historia y Arqueología en Roma*, IX, 1957, p. 142 e nota 113; Réus (Tarragona), J. HIERNARD, *Recherches numismatiques sur Tarragone au III^e siècle après Jésus-Christ, Numisma*, XXVIII, 1978, p. 316; Son Hereu (Lluchmayor, Maiorca), E. MANERA e O. GRANADOS, *Un tesorillo de antoninianos hallado en Son Hereu (Lluchmayor, Mallorca), Boletín de la Societat Lulliana*, 37, n.º 830-1, 1979, p. 77-98; Peai de Becerro (Jaén), C. F(ERNÁNDEZ) CH(ICARRO), *Noticiário numismático de Andalucía, Numario Hispánico*, IV, 7, 1955, p. 166-179; Clunia (Burgos), A. BALIL, *op. cit.*, p. 127-128 e nota 72; Sevilha, *idem*, p. 142 e nota 113.

(²⁰) O tesouro é constituído por 105 unidades, sendo 28 (26.26 %) ilegíveis.

Sete dos tesouros agrupados no quadro II — Son Hereu Conimbriga B, Borba, Vila Cariz, Reguengo, Fragas de Piago e Peai de Becerro —, pela composição similar que evidenciam, considerando também o tempo decorrido entre a emissão das moedas mais recentes de cada tesouro e a sua infiltração na *Hispania* e ainda o período de circulação que sofreram algumas destas peças ⁽²¹⁾, terão sido ocultados em datas muito próximas, certamente, já em pleno reinado de Probus.

O tesouro de Conimbriga D será algo mais antigo, não nos parecendo, todavia, de aceitar o seu ocultamento pouco após a morte de Claudius II em 270 ⁽²²⁾. Para precisarmos melhor a cronologia deste achado, é útil recorrer aos conjuntos monetários de Liédena e da Ribeira (cone. de Oliveira do Hospital) ⁽²³⁾. Este último tem como peças mais modernas 3 unidades da última emissão de Claudius II, apresentando pelo menos 1 ex. claros vestígios de circulação ⁽²⁴⁾ o que, na pior das hipóteses, sugere uma datação pelos anos 271-272. O tesouro de Liédena apesar de terminar com 4 *antoniniani* de Quintillus, tem uma estrutura semelhante à do tesouro da Ribeira — v. g., ambos englobam moedas *ante* 260, a percentagem das peças de Claudius II é idêntica, 20.74 % e 16.88 %, respectivamente, e não incluem numismas do tipo *Divo Cláudio* —, podendo-se talvez arriscar uma cronologia igual ou pouco posterior. Assim, tendo em linha de conta estes dois conjuntos, inclinamo-nos para uma datação do tesouro de Conimbriga D pelo menos no final do reinado de Aurelianus ⁽²⁵⁾. Pela sua composição, o tesouro de Réus deve ser cronologicamente semelhante ao de Conimbriga D.

As datas presumíveis de entesouramento destes conjuntos monetários parecem indicar que a penetração em massa na Península Ibérica das séries póstumas de Claudius II acontece cerca de 274-275, admitindo-se todavia a sua chegada a algumas regiões entre 270-273 em quantidades pouco apreciáveis ⁽²⁶⁾.

Por outro lado, os tesouros do quadro II dão a entender que até aos últimos anos do reinado de Probus, os *Divo Cláudio* desempenhavam um papel modesto na massa monetária em circulação, constatando-se um nítido domínio das emissões de Gallienus/Salonina (*post* 260) e de Claudius II com quantitativos superiores a c. 80 %.

Esta imagem, algo deformada como veremos, pode corrigir-se com o estudo do numerário avulso encontrado em diversos locais, tendo-se reunido, por isso, no quadro III o material (*post* 260 a Aurelianus) de 14 estações arqueológicas da Península.

Os resultados da análise deste quadro estão condicionados por dois factores, a saber: o material disponível é muito reduzido para algu-

⁽²¹⁾ Em I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 324, data-se o tesouro de Conimbriga B do último terço do século III, em virtude do desgaste que apresentam os *Divo Cláudio*, o que parece confirmado pela sua estrutura muito similar à do achado de Vila Caiz, como a seguir se observa:

	260-270	Post Claud. II	Imp. Gauleses
Conimbriga B	85.71 %	12.50 %	1.78 %
Vila Caiz	83.33 %	12.96 %	3.70 %

⁽²²⁾ *Contra* I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 326.

⁽²³⁾ A notícia deste tesouro está publicada in M. DE C. HIPÓLITO, DOS tesouros..., *op. cit.*, p. 107-108 e 140-147.

⁽²⁴⁾ *idem*, est. II, 23.

⁽²⁵⁾ Não é de estranhar a ausência de peças de Quintillus e Aurelianus, uma vez que aparecem em tesouros similares quase sempre em percentagens inferiores aos *Divo Cláudio* (veja-se o quadro II).

⁽²⁶⁾ No Norte de África os *Divo Cláudio* são já abundantes a partir de 270-271 (J.-P. CALLU, *Remarques...*, *op. cit.*, p. 526) mas na Gália, dominada pelo numerário dos imperadores galo-romanos, o seu volume até 274 era reduzido (J.-P. CALLU, *La politique...*, *op. cit.*, p. 285).

QUADRO III

	Gall./Sal.	Claud. II	D/vo C/.	Quint.	Aur./Sev.
Braga	30.00%	28.00 %	36.00 %	-	-
Fiães	27.27 %	9.09%	27.27 %	—	.
Conimbriga	24.66 %	24.00 %	35.67 %	0.90%	0.96%
Itálica	40.50 %	17.00 %	38.80 %	1.60%	
Olmeda	30.43 %	21.75 %	13.04 %		4.34%
Tarragona (necrópole)	20.00 %	24.00 %	28.00 %	1.33%	2.66 %
Tarragona	31.65 %	23.61 %	31.65 %	1.00%	1.50%
Iluro e Baetulo	23.30 %	26.60 %	16.60 %	—	3.30%
Barcino	35.29 %	23.53 %	25.49 %	—	
Emporion	40.00 %	21.00 %	21.00 %	1.25 %	1.25%
Rhode	27.70 %	16.60 %	11.10%		
Huesca (provincia)	48.00 %	14.00 %	11.00 %	-----	3.00%
Pollentia	37.14 %	28.57 %	20.00 %	-----	2.85%
Menorca	32.60 %	26.08 %	13.04 %	-----	2.17 %
Médias	32.03 %	21.70 %	23.47 %	0.43%	1.57%

mas estações, não sendo, assim, de muita confiança as percentagens obtidas; a grande maioria das estações arqueológicas localiza-se na Catalunha, não se verificando uma cobertura satisfatória de toda a Península, o que impossibilita um estudo da circulação monetária que tenha em atenção as *nuances* existentes entre as diversas regiões.

Apesar das limitações enunciadas, o numerário procedente destes sítios revela com clareza que as peças do tipo *Divo Cláudio* ocupavam um lugar importante entre a população de moedas circulante (média 23.47 %) juntamente com as moedas de Gallienus/Salonina (média 32.03 %) e de Claudius II (média 21.70%), panorama bem diferente daquele que nos é transmitido pelos tesouros monetários. Poder-se-á pensar que os entesouradores rejeitavam na medida do possível os *Divo Cláudio*,

(27) As percentagens expressas são relativas, para cada estação, ao total de moedas do período 260-294. Não é considerado o material dos tesouros quando existam (v. g., Fiães e Conimbriga).

Bibliografia utilizada:

Portugal — Braga, material inédito das escavações sistemáticas iniciadas em 1976 (exumaram-se já c. 1500 moedas que temos em estudo; as percentagens utilizadas foram obtidas de uma amostra de 50 ex. datáveis entre 260-296); Fiães (Aveiro), Rui M. S. CENTENO, *Moedas romanas do castro de Fiães*, relatório do Seminário de Arqueologia apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto no ano lectivo de 1974-75 (inédito); Conimbriga, J. HIERNARD, *Monedas de las excavaciones antiguas (1930-1944 y 1959-1962) y franco-portuguesas (1964-1968)*, *Symposium Numismático de Barcelona*, I, Barcelona, 1979, p. 143.

Espanha — Itálica (Sevilha), F. CHAVES, *Avance sobre la circulación monetária en Itálica*, *idem*, II, p. 83, quadro IV; Olmeda (Palencia), M. CAMPO, *Circulación monetária en la villa romana de Olmeda, Pedrosa de la Vega (Palencia)*, *idem*, I, p. 132; Tarragona (necrópole), L. C. AVELLÁ DELGADO, *Las monedas de la necrópolis romano-cristiana de Tarragona*, *idem*, II, p. 63; Tarragona, J. HIERNARD, *Monedas del siglo III descubiertas en las excavaciones antiguas*, *idem*, II, p. 84; Iluro e Baetulo (Barcelona), J. M. GURT ESPARRAGUERA, *Circulación monetária en época imperial en la costa catalana entre los municipia de Iluro y Baetulo*, *idem*, I, p. 76, quadro 3; Barcino (Barcelona), M. CAMPO e O. GRANADOS, *Aproximación a la circulación monetária en colonia de Barcino*, *idem*, I, p. 63; Emporion (Gerona), E. RIPOLL, J. M. NUIX e L. VILLARONGA, *La circulación monetária en Emporion*, *idem*, I, p. 51, quadro V; Rhode (Gerona), J. M. GURT ESPARRAGUERA, *La circulación monetária en Rhode (Rosas) durante el Imperio Romano a través de dos colecciones particulares*, *idem*, I, p. 41, quadro 3; Huesca (provincia), E. COLLANTES PÉREZ-ARDA, *Una muestra de la circulación monetária en la provincia de Osca*, *idem*, I, p. 122, quadro 4A; Pollentia (Alcudia, Maiorca), E. MANERA e O. GRANADOS, *Aproximación a la circulación monetária en la ciudad romana de Pollentia (Alcudia, Mallorca) hasta 294 de J. C.*, *idem*, II, p. 43; Menorca (ilha de), M. CAMPO, *Circulación monetária en Menorca*, *idem*, I, p. 104.

Tal como acontece com os tesouros não são incluídas no quadro as moedas dos imperadores gauleses (cfr. *supra*, nota 19).

guardando preferencialmente a moeda de melhor qualidade que se restringia, na prática, ao numerário do reinado exclusivo de Gallienus e de Claudius II pelo menos até aos finais do reinado de Probus, já que o material anterior a 260 era quase inexistente ⁽²⁸⁾ e as moedas de Aurelianus e dos imperadores seguintes ainda não tinham chegado à Península em quantidades significativas, como mostram os tesouros de Fragas de Piago e Peai de Becerro ⁽²⁹⁾. Será, pois, de admitir que o período compreendido entre 275/276 e pelo menos o final do reinado de Probus se caracteriza por uma importação muito deficiente de moeda; a circulação monetária é dominada pelas peças de Gallienus, Claudius II e *Divo Cláudio* enquanto que o numerário de Quintillus, Aurelianus ⁽³⁰⁾ e dos imperadores gauleses e orientais se apresentava em número reduzido. Esta escassez no abastecimento de nova moeda poderá relacionar-se com os tempos conturbados que o Império viveu sob Probus — y.g., a invasão germânica de 276-277, os episódios de Proculus e Bonosus ⁽³¹⁾ — e que terão afectado a *Hispania* ⁽³²⁾.

Nos anos imediatos a Probus ⁽³³⁾ a massa monetária em circulação na Península é acrescida com o reinício do abastecimento regular de moeda em volumes apreciáveis, como testemunham os tesouros de Clunia, Coimbra e Sevilha. Com efeito, estes três conjuntos revelam que os seus proprietários preferiram as novas moedas então lançadas em circulação ⁽³⁴⁾ > desprezando as peças mais antigas, como por exemplo os *Divo Cláudio*, que passam para um plano secundário na composição dos tesouros ⁽³⁵⁾.

Cientes de que a documentação até agora publicada (moedas de escavações e tesouros) para a Península Ibérica é ainda em número insuficiente, podemos assinalar, todavia, que os *Divo Cláudio* tiveram importância considerável na circulação monetária, atingindo o auge entre 274/275 e os finais do reinado de Probus, apesar da sua débil representação nos tesouros — ao contrário de que acontece no Norte de África ⁽³⁶⁾ —, motivada pela existência de quantidades razoáveis de numerário anterior e de melhor qualidade. A partir dos anos oitenta, o restabelecimento dos circuitos de alimentação de moeda oficial para a Península marca o início do eclipse progressivo dos *Divo Cláudio* juntamente com as unidades anteriores a 270 nos tesouros monetários, apesar de continuarem a circular em cifras apreciáveis até aos finais do século III e mesmo início do século IV ⁽³⁷⁾.

⁽²⁸⁾ Cfr. *supra*, nota 10.

⁽²⁹⁾ Fragas de Piago tem apenas 1 ex. de Tacitus, de 275, e Peai de Becerro 1 ex. de Probus, de 277 (cfr. bibliografia destes tesouros *supra*, nota 19).

⁽³⁰⁾ Vide quadros II e III.

⁽³¹⁾ Sobre este assunto, cfr. J. M. BLÁZQUEZ, La crisis del siglo III en Hispania y Mauritania Tingitana, *Economía de la Hispania Romana*, Bilbao, 1979, p. 461-483 (—*Hispania*, XXVIII, 1969, p. 23-34).

⁽³²⁾ *Scrip. Hist. Aug.*, Vita Probi, 18, 5: *deinde cum Proculus et Bonosus apud Agrippinam in Gallia imperium arripuissent omnesque sibi iam Britannias, Hispanias et Bracatae Galliae provincias vindicarent, barbaris semet invariantibus vicit.*

⁽³³⁾ Ou talvez nos finais do reinado de Probus. O novo numerário seria constituído essencialmente por peças deste imperador.

⁽³⁴⁾ São sobretudo abundantes as moedas de Probus: Clunia, 73.52 %, Coimbra, 36.70% e Sevilha, 42.40% e num lote de um tesouro do Sul de Espanha, 50.00% (A. M. DE GUADAN, Acerca de los antoninianos de Aureliano de un hallazgo reciente, *Estudios de numismática romana*, Barcelona, 1964, p. 37).

⁽³⁵⁾ Vide, quadro II. No Norte de África a queda dos *Divo Cláudio* acontece a partir de 282 (J.-P. CALLU, *La politique...*, *op. cit.*, p. 307, nota 5 e Remarques..., *op. cit.*, p. 527).

⁽³⁶⁾ Vide, J.-P. CALLU, *La politique...*, *op. cit.*, p. 307, nota 5 e Remarques..., *op. cit.*, p. 525-526 e 536-538.

⁽³⁷⁾ Os *Divo Cláudio* encontram-se ainda em tesouros do século V — v. g., Conimbriga A e C (I. PEREIRA *et alii*, *op. cit.*, p. 321 e 325) e Fiães I (R. M. S. CENTENO, Numismática de Fiães: dois tesouros do Baixo-Império, *Numisma*, XXVI, 1976, p. 176, n.º 1)—mas, entre 318 e 348, são praticamente eliminados da circulação (J.-P. CALLU, Remarques..., *op. cit.*, p. 530).

CATALOGO

O tesouro de Vila Caiz é composto por 52 *antoniniani* e 2 quartos de *aurelianus*, estando reproduzidas todas as peças nas estampas II e III. Para cada moeda registam-se os seguintes elementos:

- coluna da esquerda: legenda do anverso; por baixo, código utilizado no RIC para a descrição das efígies;
- coluna da direita: legenda do reverso e marca da oficina quando existe; por baixo, peso, eixo, diâmetro mínimo e máximo (para os ex. fragmentados indica-se apenas o diâmetro máximo) e bibliografia de referência.

OBRAS DE REFERÊNCIA

- Bavai* J. GRICOURT, Le trésor de Bavai (Nord), in J. Gricourt, G. Fabre e M. Mainjonet, J. Lafaurie, *Trésors monétaires et plaques-boucles de la Gaule Romaine: Bavai, Montbouy, Chécy* (XII^e supplément à *Gallia*), Paris, 1958, p. 1-118.
- Elmer* G. ELMER, Die Munzprägung der gallischen Kaiser in Köln, Trier und Mailand, *Bonner Jahrbücher*, 146, 1941, p. 1-106.
- RIC* P. H. WEBB, *The Roman Imperial Coinage*, vol. V, part I: Valerian to Florian; part II: Probus to Amandus, Londres, 1927 e 1933.
- Thibouville* P. BASTIEN e H.-G. PFLAUM, La trouvaille de monnaies de Thibouville (Eure), *Gallia*, XIX, 1961, p. 255-315.

GALLIENUS (253-268)
post 260

		Roma		
		263		
1	GALLIENVS AVG A		LIBE-RAL AVG 1.94;5;17.6/19.6	S RIC 227
		264		
2	GALLIENVS AVG K		PVDICITIA (Rev. de Salonina) 2.67;5;17.5/18.4	RIC —; <i>Bavai</i> p. 76; <i>Thibouville</i> 86
		266		
3	GALLIENVS AVG K		MARTI-PACIFER (sic) 2.25;11;19.3/20.3	A RIC 236 (com PACIF ou PACIFERO)
4	GALLIENVS AVG K		AETERNITAS AVG 3.12;7;19/20	Γ RIC 160
5	GALLIENVS AVG K		PAX A-E-N (sic) 1.91;1;18.5/19.6	(Imitação?) Cfr. RIC 253
6	GALLIENVS AVG K		VBERITAS AVG 2.15;1;15.9/16.9	RIC —; <i>Thibouville</i> 258
7-8	GALLIENVS AVG K		ORIENS AVG 2.34;5-6;18.3/19.9 2.40;6;18.6/19.5	Z RIC 249
9-15	GALLIENVS AVG K		SECVRIT PERPET 1.87;5-6;17.1/18.2 2.25;12;18.3/19.4 1.76;12;17.5/19 3.52;4;19.6/21.8 3.82;6;18.1/19.8 3.15;12;19.2/19.6	H
	F K			N RIC 280
16	GALLIENVS AVG K		SALVS AVG 2.50;6;20.1/21.7	XII RIC 274a; <i>Bavai</i> p. 78
		267-268		
17	IMP GALLIENVS AVG K		APOLLINI CONS AVG 2.16;12;20.4/22.2	Δ

18	IMP GALLIENVS AVG K		DIANAE CONS AVG 2.15;7;18.4/22.3	RIC 176	<u>ε</u>
19	GALLIENVS AVG K		DIANAE CONS AVG 1.83;2;18.9/20.8	RIC 177	<u>[e]</u>
20-21	GALLIENVS AVG K		APOLLINI CONS AVG 1.62;7;20.5		<u>H</u>
			2.70;12;21.2	RIC 164	<u>?</u>
		Cyzicus			
		265			
22	GALLIENVS AVG A?		VIRTVS AVG 2.46;5;16.8/17.7	RIC 670;	Elks, NC, 1975, p. 105-6
23	...AVG K	Atelier indeterminado	...S AVG, Figura feminina de pé, muito dete- riorada		
			3.53;6;17.2/17.7		
		SALONINA			
		post 260			
		Roma			
		266			
24	SALONINA AVG A		FECVNDITAS AVG 1.67;12;18.9/21.3	RIC 5	<u> Δ</u>
		267-268			
25	COR SALONINA AVG A		IVNONI CONS AVG 2.95;12;19.3/20.7	RIC 16	<u>Δ</u>
		CLAUDIUS II (268-270)			
		Roma			
		268			
26	IMP CLAVDIVS AVG K		PROVID AVG (Rev. da 4. ^a em., 266, de Gallienus)	RIC 86;	Thibouville 905
27	...MP C CLAVD...; externamente à dir., ...LAVD... A ou F		SALVS AVG 2.39;11-12;18.4/21.1	RIC 98	
		(Exemplar com dupla cunhagem visível no Anv. e Rev.)			
		Inícios de 269			
28-30	IMP C CLAVDIVS AVG F		VICT-ORI-A AVG 3.06;7;18.7/20.7 2.81;12;16.7/20.5 1.65;12;16.7/18.7	RIC 104	
31	IMP C CLAVDIVS. AG (sic) F		FEL-ICITAS AVG 2.52;12;18.5/19.7	RIC 32	
32-33	IMP C CLAVDIVS AVG F		ANNONA AVG 3.07;12;19/20.4 2.75;6-7;19.8/21.5	RIC 18	
34-35	IMP C CLAVDIVS AVG K		VIR-TV-S AVG 1.92;5;17.4/19.5 VIRT-VS AVG 1.35;7;19.6	RIC 109	<u>3 </u>
36	IMP C CLAVDIVS AVG F		AEQVITAS AVG 2.90;7;17.4/19.6	RIC 14	
37	IMP C CLAVDIVS AVG A ou F		GENIVS-EXERCI 1.62;5;17.7/18.4	RIC 48	
38	IMP C CLAVDIVS AVG A, F ou K		MARS-VLTOR 2.31;8;19.9/21.2	RIC 66	

39	IMP C CLAVDIVS AVG F		FIDES EXERCI 2.07;12;18.5/21.1	XI RIC 36
		269		
40	IMP CLAVDIVS AVG K		GENIVS AVG 2.93;8;17.5/18.2	Γ RIC 46
41	IMP CLAVDIVS AVG F		ANNO-NA AVG 2.60;6;18.1/18.8	RIC 19
42	IMP CLAVDIVS AVG K		IOVI V-ICTORI 2.52;7;17.1/19.3	RIC 55
43	IMP CLAVDIVS AVG F		FIDES EXERCI 2.91;6;17.2/19.9	XI RIC — ; Thibouville 1287
		Inícios de 269 ou 269		
44	...S AVG K		MAR-S-VLTOR 1.96;11-12;18.4/19.4	RIC 66 ou 67
		Atelier indeterminado		
45	...DIVS AVG K		...S AVG, tipo muito deteriorado 1.75;-;16.1/17.7	

DIVO CLAUDIO

Roma
270

46-48	DIVO CLAUDIO K		CONSECRATIO, altar quadrangular aceso 2.44;11-12;17.6/18.4 1.87;1;17.5/19.7 2.37;6;17.5/18.1	RIC 261
49	DIVO CLAUDIO K		CONSECRATIO, água à dir. 1.63;12;15.6/16.8	RIC 266

QUINTILLUS (270)

Roma
270

50	IMP C M AVR CL QVINTILLVS A		MARTI PACIF 2.60;1;19.1/21.3	X RIC 24
----	--------------------------------	--	---------------------------------	---------------

AURELIANUS (270-275)

Roma
Fevereiro ou Março de 274-275

51-52	IMP AVRELI-ANVS AVG E		VICT-O-RI-A AVG 1.71;5;16.4/18 2.38;11;18.1/18.7	VSV A RIC 73
-------	--------------------------	--	--	--------------------

Imperadores gauleses

VICTORINUS (268-270)

Treveri
meados-final de 269

53	IMP C VICTORINVS P F AVG F		SALV-S AVG 2.91;2;18/19.3	RIC 67; Elmer 732
----	-------------------------------	--	------------------------------	-------------------

TETRICUS I (270-273)

Treveri
272

54	IMP TETRICVS P F AVG F		LAETITIA AVG N 2.50;11;17.9/19.3	RIC 90; Elmer 786
----	---------------------------	--	-------------------------------------	-------------------





1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27



Esc. 1:1



